

No início, contínuo do Credireal

Belo Horizonte — O novo ministro da Fazenda, Eliseu Rezende, de 64 anos, começou a trabalhar aos 14 anos como contínuo da agência do Banco Credireal, em Oliveira, sua terra natal, no centro-oeste mineiro. Terceiro dos 10 filhos do fotógrafo Miguel Rezende, em 1946 veio para Belo Horizonte e foi transferido para o cargo de escriturário, no mesmo banco. O novo ministro graduou-se em Engenharia pela UFMG em 1954 e passou a professor da escola. Nunca fez curso de Economia, embora tenha se especializado em computação, matemática, transportes e engenharia.

“É um homem brilhante, objetivo e prático. Foi uma excelente escolha”, comentou o empresário Lúcio Assumpção, ex-presidente da Associação Comercial de Minas e amigo de Rezende. Em 1960, casado com Dinah Nogueira Rezende e pai de Maria Rachel, arquiteta, e de José Alexandre, engenheiro, o novo ministro ganhou uma bolsa de estudos na Universidade de Nova Iorque, onde ficou por quatro anos e obteve os títulos de “master of sciences” e de doutor em Filosofia.

Depois de recusar uma proposta da Marinha norte-americana para ser pesquisador, Rezende voltou a Belo Horizonte em março de 1964, durante a revolução. A convite do então governador Magalhães Pinto (UDN), começou sua vida pública como diretor-geral do Departamento Estadual de Estradas de Rodagem (DEER). No governo seguinte, de Israel Pinheiro (PSD), Rezende ocupou o cargo de secretário de Planejamento.

Em 1967, foi chamado pelo presidente Costa e Silva para a direção geral do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER), onde ficou por sete anos. Nesse período, foram iniciadas as obras da Belém-Brasília, da Transamazônica e da ponte Rio-Niterói. Em 1974, o novo ministro da Fa-

zenda abandonou temporariamente a vida pública e passou à administração de empresas privadas, chegando a presidente da Samarco Mineração S/A, do grupo Belgo-Mineira, ao qual está ligado até hoje, como conselheiro.

Rezende voltou durante o governo do presidente João Batista Figueiredo como ministro dos Transportes e, em 1982, saiu candidato ao governo de Minas pelo PDS, indicado pelo então governador Francisco Pereira. Ele concorreu com Tancredo Neves, que venceu a disputa. Na época, a oposição lançou acusações de utilização de dinheiro do DNER para custear as despesas de campanha e foram lembradas atitudes irregulares que teria tomado à frente do Ministério dos Transportes.

Em maio daquele ano, o então deputado estadual Luís Otávio Valadares (PMDB) acusou Rezende de ter favorecido a firma Consultores Associados Brasileiros (CAB) em licitações de obras delegadas pelo ministério ao DNER e DER de Minas. Segundo a denúncia, Rezende era dono de 25% do capital da CAB até entrar para o ministério, em maio de 1979, e a empresa ganhara todas as concorrências no estado a partir daquela data. “Ele era da turma do Andreazza e um dos chefes da gangue”, comentou ontem, em Belo Horizonte, um empresário amigo do presidente Itamar Franco, que se disse “perplexo” com a escolha.

Depois de perder o governo mineiro, Rezende voltou a afastar-se da política. Em 1983, foi eleito presidente das Empresas Petroquímicas do Brasil (EPB) e, em fevereiro de 1985, membro do conselho administrativo da Companhia Petroquímica Camaçari. Até 1987, quando tornou-se conselheiro da Belgo-Mineira, Rezende ocupou cargos em conselhos administrativos de diversas empresas do setor de mineração e petroquímica.